

Teologia Cristã

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Franklin

Teologia cristã: uma introdução à sistematização das doutrinas / Franklin
Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Bibliografia.

ISBN 978-85-275-0470-6

1. Teologia 2. Teologia sistemática I. Título.

11-04507

CDD-230

Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia cristã 230

Franklin Ferreira

Teologia Cristã

uma introdução
à sistematização
das doutrinas


VIDA NOVA

Copyright © 2011, Edições Vida Nova

1.ª edição: 2011

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0470-6

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa S. K. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

REVISÃO

Arkhé Editorial

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

OM Designers Gráficos

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil com todos os direitos reservados pela Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

Para Jônatas: “O SENHOR o deu e
o SENHOR o tomou; bendito seja o
nome do SENHOR!” (Jó 1.21).

SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Introdução ao estudo sistemático da teologia cristã.....	13
1. Revelação geral e especial	37
2. Deus trino, criador e soberano	59
3. O ser humano e o pecado	91
4. A pessoa e a obra de Cristo	115
5. Vida no Espírito Santo.....	151
6. Comunhão dos santos.....	185
7. Vinda de Cristo	217
Apêndice: documentos da igreja cristã.....	245
Glossário de teólogos e documentos cristãos	257
Bibliografia.....	265

PREFÁCIO

Este livro que o leitor tem em mãos pode ser considerado o irmão caçula de *Teologia Sistemática*, publicada em 2007, por Edições Vida Nova, que escrevi em coautoria com meu amigo e mentor Alan Myatt. Nessa obra, discutimos as principais doutrinas da fé cristã, relacionando-as ao multifacetado contexto brasileiro. Agora, o objetivo é outro. Pretendo apresentar os temas essenciais da teologia cristã numa perspectiva ainda mais acessível ao entendimento do leitor. Além dos conteúdos referentes às doutrinas, há também um apêndice contendo três importantes documentos confessionais e um glossário com informações sobre personagens e documentos citados na obra que servirão de auxílio em sua leitura. Títulos de documentos grifados em itálico e nomes de pessoas com data de nascimento e morte entre parênteses são indicadores de que o leitor poderá consultar o glossário para obter mais informações sobre tal referência.

Como afirmou Karl Barth, em meados de 1946, numa série de palestras na Kurfürsten Schloss da Universidade de Bonn, na Alemanha, a teologia sistemática é “uma disciplina crítica, quer dizer, instaurada segundo a norma da Sagrada Escritura e segundo os fundamentos das confissões de fé.” A regra de fé (*regula credendi*) da teologia sistemática é a Palavra de Deus, inspirada e sem erro em tudo o que ensina e afirma. Em outras palavras, a Escritura é a *norma normans*, o critério absoluto e normativo da teologia cristã.

Uma teologia sistemática que pretende ser reconhecida como evangélica deve interagir com as confissões de fé da cristandade. Barth também disse que “a Sagrada Escritura e as confissões de fé não estão em um plano idêntico. Reservamos à Bíblia uma estima e um amor que não temos, no mesmo grau, pela tradição, nem mesmo pelos mais valiosos de seus elementos.” “Mas”, como ele continua, “isso não retira nada do fato de que a Igreja escuta e aprecia o testemunho de seus pais. (...) Obedecendo ao mandamento ‘honra teu pai e tua mãe’, nós não nos

recusaremos a respeitar, seja na pregação, seja na elaboração científica da dogmática, as afirmações de nossos pais.”¹ Portanto, ao afirmar as crenças e os valores que estão no cerne da fé evangélica, esta obra fará referência a textos de credos, confissões e catecismos como a *norma normata* da igreja cristã, uma vez que esses documentos, tendo o testemunho bíblico sobre Cristo como padrão, resumem o que é a ortodoxia evangélica.

Para mim, é uma grande responsabilidade confessar a fé cristã no Brasil em nossos dias. Como Philip Jenkins escreve: “Nos últimos cem anos, o centro de gravidade do mundo cristão deslocou-se inexoravelmente para o Sul, para a África, a Ásia e a América Latina. Já em nossos dias, as maiores comunidades cristãs do planeta encontram-se na África e na América Latina.” De acordo com Jenkins, o perfil dessas novas igrejas, será o de “uma fé pessoal profunda [em Jesus Cristo como o Filho de Deus e o Messias] e uma ortodoxia comunal”, assim como uma forte ênfase sobre a obra do Espírito Santo, baseada “na clara autoridade das Escrituras”. Em outras palavras, ainda que haja em nosso país alguns segmentos influenciados pela natimorta teologia liberal, “no futuro previsível, porém, a corrente dominante do cristianismo mundial emergente será tradicionalista, ortodoxa e voltada para o sobrenatural.”² Portanto, este livro é oferecido humildemente neste contexto de crescimento da fé cristã em nosso país, para que Deus seja glorificado “por causa da obediência que confessais quanto ao evangelho de Cristo” (2Co 9.13). Temos a confiança de que esta obra ajudará os leitores a guardar firmes “a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23 [ARA]).

Agradeço a Kenneth Lee Davis, diretor-executivo de Edições Vida Nova, por sugerir e estimular a publicação desta obra, assim como a Jonas Madureira, editor de Edições Vida Nova, pelo seu ótimo trabalho de revisão e edição. Preciso dizer que o texto ficou melhor por conta da ajuda desse amigo. Agradeço ao amigo Tiago José dos Santos Filho, que gentilmente leu o manuscrito, oferecendo valiosas sugestões e reparos. Sou agradecido a Juan Carlos Martinez Pinto, da Editora Hagnos, Cláudio A. B. Marra, da Editora Cultura Cristã, Renato Fleischner, da Editora Mundo Cristão e Sônia Freire Lula Almeida, da Editora Vida, por sua bondosa permissão para usar tabelas e gráficos de obras publicados por essas editoras. Sou especialmente grato a Deus por minha esposa, Marilene, e por minha filha, Beatriz, pela constância do amor, apoio e conforto em todo o tempo.

Vários destes capítulos nasceram de aulas oferecidas em seminários teológicos, institutos bíblicos e igrejas. Os capítulos que tratam da revelação e de Deus foram ministrados no Seminário Teológico Batista Intensivo, em Teresina, Piauí, em 2008. Os capítulos que tratam da pessoa e obra de Cristo e do Espírito Santo foram ministrados na Igreja Presbiteriana da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro,

¹ Karl Barth, *Esboço de uma dogmática*. São Paulo, Fonte Editorial, 2006, p. 7,13.

² Philip Jenkins, *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 15-32.

em 2009 e 2010. E o capítulo sobre a igreja foi lecionado no Centro de Estudos Teológicos do Vale do Paraíba, em São José dos Campos, São Paulo, em 2010. Sou muito grato pela proveitosa interação e pelos questionamentos dos que participaram desses encontros.

Essas exposições foram oferecidas com a convicção de que o Deus, que se revela nas Escrituras, está além da especulação humana. Somente por meio do Espírito Santo, que inspirou as Escrituras, é possível fazer teologia. Assim, sem o auxílio da bendita pessoa do Espírito da vida, a teologia se torna um fim em si mesma, irrelevante para a comunidade da fé. Afinal, é o Espírito Santo que, de forma soberana e graciosa, nos conduz ao evangelho, à Boa-Nova do único e suficiente salvador, o eterno filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor. Pois, como João Calvino escreveu, “sem o evangelho todos somos inúteis... toda riqueza é pobreza... toda sabedoria é loucura perante Deus... Mas pelos conhecimentos do evangelho, nós somos filhos de Deus..., irmãos de Jesus Cristo.”³

Veni Creator Spiritus

Franklin Ferreira

³ João Calvino, “Epístola a todos os que amam a Jesus Cristo e seu evangelho: Primeiro prefácio — Novo Testamento (1535)”, em Eduardo Galasso Faria (ed.), *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo, Pendão Real, 2008, p. 23.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO SISTEMÁTICO DA TEOLOGIA CRISTÃ

A disciplina denominada teologia sistemática trata de questões que são vitais para a igreja cristã. Sua proposta é “lidar com a totalidade da revelação, e classificar os detalhes segundo seu lugar no todo”.¹ Importantes temas teológicos (*loci theologici*), tais como a suficiência das Sagradas Escrituras, a total corrupção da natureza humana, o testemunho de que a morte de Cristo na cruz é o único meio de expiação para o pecado do homem, a justificação pela graça recebida somente pela fé, a necessidade da conversão do coração como resultado de uma nova criação operada pelo Espírito Santo e a ligação inseparável entre a fé verdadeira e a santidade pessoal, são elaborados por essa disciplina e confessados pela igreja. Nesse sentido, podemos afirmar que a teologia sistemática é a mais importante das disciplinas teológicas, uma vez que ela lida diretamente com algumas das questões mais importantes de nossa existência.

Mas, afinal, o que é “teologia sistemática”? Além de responder a essa pergunta, este capítulo introdutório tratará de outras questões importantes que surgem no estudo da teologia cristã. Perguntas como: Por que é necessário que a teologia sistemática se relacione com outras importantes disciplinas teológicas, como as matérias bíblicas, históricas e pastorais? O que é “cosmovisão”? Por que nossa cosmovisão sempre é construída a partir de nossos pressupostos? Qual é o papel que os nossos pressupostos exercem na interpretação das Escrituras e da criação? Por que é tão importante estudar teologia sistemática? Enfim, esses são apenas alguns dos temas que serão tratados nesta seção introdutória.

¹ Helmuth Thielicke, *Recomendações a jovens teólogos e pastores*. São Paulo, SEPAL & Recife, SETE, 1990, p. 48.

O que é “cosmovisão”?

Antes de começarmos nosso estudo sobre a teologia sistemática, precisamos considerar brevemente o que vem a ser cosmovisão (*Weltanschauung*).² Como já foi dito, o alvo desse estudo não é oferecer um estudo amplo da teologia sistemática, mas apresentar uma porta de entrada para o estudo dessa disciplina. Para tanto, é necessário falar primeiro sobre o que significa “cosmovisão”, e qual é a relação que existe entre a teologia sistemática e a cosmovisão cristã.

De forma bem simples, pode-se dizer que “cosmovisão” é a nossa visão de mundo. “Uma cosmovisão é um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser total ou parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que detemos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser”.³ Em outras palavras, cosmovisão é um conjunto de crenças básicas que se tornam nosso quadro de referência por meio do qual interpretamos, organizamos e vivemos nossas vidas. É necessário deixar claro que todas as pessoas têm uma cosmovisão. Se ela é bem articulada ou contraditória, se é consistente ou ilógica, isso é outra questão. Fato é que todos têm uma cosmovisão. E a maior evidência disso é que constantemente interpretamos os eventos ou as realidades que acontecem ao nosso redor a partir dos pressupostos que constituem nossa cosmovisão.

Aqui é necessária uma palavra de cautela: não existem fatos ou dados neutros. Muitas vezes *pressupomos* que os acontecimentos ao nosso redor, e mesmo os textos que lemos, são autointerpretáveis, isto é, *supomos* que nossa interpretação deles tem um significado unívoco e inquestionável.⁴ Raramente lembramos que muitas

² Para a história do conceito de *Weltanschauung* (traduzido em inglês como *worldview* e em português como *cosmovisão*), cf. Rodolfo Amorim Carlos de Souza, “Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã”, em Cláudio Antônio Cardoso Leite, Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho e Maurício José Silva Cunha (org.), *Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social*. Viçosa, Ultimato, 2006, p. 39-55.

³ James W. Sire, *O universo ao lado; um catálogo básico sobre cosmovisão*. São Paulo, Hagnos, 2009, p. 16. De acordo com Sire, uma cosmovisão pode ser expressa por questões como: O que é a realidade primordial, ou seja, o que é realmente verdadeiro? Qual a natureza da realidade externa, isto é, do mundo que há ao nosso redor? O que é o ser humano? O que acontece a uma pessoa quando ela morre? Por que é possível conhecer alguma coisa? Como sabemos o que é certo e errado? Qual é o significado da história humana? (p. 19-21).

⁴ Desde já, é necessário deixar bem claro que nossa reflexão está rigorosamente alinhada com o testemunho das próprias Escrituras, de que elas são inspiradas por Deus, sem erro em tudo o que se afirma nelas, e que têm uma mensagem unívoca. Não acredito que haja a possibilidade de múltiplas interpretações das Escrituras. Só há uma única mensagem no texto bíblico, aquela intencionada pelo Senhor Deus, que se serviu dos autores humanos para registrar a revelação que ele faz de si mesmo no texto bíblico. Mas, não poucas vezes, supomos que nossa interpretação pessoal é infalível

vezes confundimos nossa interpretação — tomada como unívoca — com o fato ou com o texto em si. Só que a construção de nosso conhecimento e de nossa interpretação da vida não é tão simples assim. Interpretamos o mundo não a partir dos fatos, mas a partir dos pressupostos.⁵ Já chegamos aos textos que lemos e aos fatos ao nosso redor com uma série de pré-compreensões ou hipóteses — verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou falsas, conscientes ou inconscientes, coerentes ou incoerentes — que são comumente chamadas de pressupostos.⁶

Todas as pessoas têm seus pressupostos, e elas vão viver de modo mais coerente possível com estes pressupostos, mais até do que elas mesmas possam se dar conta. Por pressupostos entendemos a estrutura básica de como a pessoa encara a vida, a sua cosmovisão básica, o filtro através do qual ela enxerga o mundo. Os pressupostos apoiam-se naquilo que a pessoa considera verdade acerca do que existe. Os pressupostos das pessoas funcionam como um filtro, pelo qual passa tudo o que elas lançam ao mundo exterior. Os seus pressupostos fornecem ainda a base para seus valores e, em consequência disto, a base para suas decisões.⁷

São nossos pressupostos que nos guiarão não apenas na interpretação de praticamente tudo que está diante de nós, mas também na forma como interpretamos esses fatos: Há alguma *coerência* ou mensagem de apelo universal naquilo que lemos? Há alguma *lógica* que explique o que ocorre ao nosso redor? Ou os fatos da vida são desconexos, sem ligação entre si, e a vida não passa de uma paródia grotesca ou um grande absurdo? É verdade que o significado de um texto só encontra lugar em seu significado *para mim*, sem importar o significado autoral e a própria história do texto? Ou será que existe a possibilidade de descobrirmos o real e único significado de um determinado texto?

e sem erro, quando na verdade é somente a Escritura que é inerrante. Por outro lado, muitas vezes presumimos que as verdades presentes no texto bíblico são autoevidentes, podendo ser entendidas sem maiores esforços interpretativos, sem recorrer às doutrinas cristãs, e sem um árduo estudo léxico e histórico de determinado livro ou passagem. O que ocorre muitas vezes é que, ao negligenciar tal esforço, impomos ao texto bíblico nossas próprias pressuposições, em vez de, pelo contrário, nos aproximarmos do texto bíblico com as pressuposições que o próprio texto nos exige. Essa postura submissa aos pressupostos do texto bíblico é fundamental para compreendermos as proposições que são reveladas no próprio texto. Só assim poderemos nos tornar obedientes às conclusões deduzidas ou inferidas exclusivamente a partir das Escrituras. Para a relação entre teologia sistemática e exegese, cf. especialmente Moisés Silva, “Em favor da hermenêutica de Calvino”, em Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo, Cultura Cristã, 2002, p. 242-261.

⁵ Cf. especialmente Davi Charles Gomes, “*Fides et Scientia*: indo além da discussão de ‘fatos’”, em Franklin Ferreira (ed.), *A glória da graça de Deus: ensaios em honra a J. Richard Denham Jr.*, São José dos Campos, Fiel, 2010, p. 191-207.

⁶ Para uma introdução a esse assunto, recomendo a trilogia de Francis Schaeffer, *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, *A morte da razão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002 e *O Deus que se revela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, além de *Como viveremos?*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

⁷ Francis Schaeffer, *Como viveremos?*, p. 11.

O uso das palavras *lógica* e *coerência* é intencional, pois é a partir da busca por uma lógica ou coerência de nossos pressupostos que estabelecemos algum tipo de padrão de interpretação do que ocorre ao nosso redor. A partir dos pressupostos cristãos, afirmamos que há uma ordem na criação, por isso aplicaremos regras elementares da lógica subordinada à revelação e santificada em nossa interpretação do mundo. Justamente o contrário dos não cristãos que acabam dependendo mais de sua intuição, de suas experiências místicas ou daquilo que Martinho Lutero chamou de “porca razão”, a razão autônoma, que supõe poder interpretar o mundo a partir de si mesma, sem referência a nada além dela, muito menos ao Deus transcendente que se revela na Escritura.⁸

Na tabela abaixo, apresentamos as principais cosmovisões presentes na cultura brasileira, quais pressupostos são deduzidos delas e como influenciam a interpretação bíblica na comunidade evangélica:

Cosmovisão	Pressupostos principais	Influência sobre a leitura da Escritura
Catolicismo: Religião que reconhece o Papa como autoridade máxima; confirma e reforça a graça por meio dos sacramentos; venera a Virgem Maria e os santos; aceita a tradição como verdade incontestável e fundamental; e tem como ato litúrgico mais importante a missa.	<ul style="list-style-type: none"> a) A salvação ocorre pela cooperação entre a fé e o amor. b) A salvação é recebida de forma mecânica. c) Fé e razão são colocadas em oposição. d) Visão hierárquica e dualista da criação. e) Outros mediadores assumem o lugar de Cristo na redenção e espiritualidade. 	<ul style="list-style-type: none"> a) Ênfase em ativismo religioso. Práticas de sacrifícios, legalismo, jejum como penitência, etc. b) A Bíblia não é a única e suficiente revelação de Deus. c) Distinção entre sagrado e profano. Uma visão fragmentada da vida e da cultura que acaba abrindo espaço para irracionalismo e gnosticismo. d) Exclusão do uso da razão, o que enfraquece a teologia e a ética e resulta em ações baseadas na premissa de que “os fins justificam os meios”. e) Ênfase em métodos para o crescimento devocional e eclesialístico. f) Transformação de pastores em uma classe sacerdotal.
Espiritismo (kardecismo): Doutrina baseada na crença na reencarnação da alma e na existência de comunicação, por meio da mediunidade, entre vivos e mortos, entre os espíritos encarnados e os desencarnados.	<ul style="list-style-type: none"> a) A história é cíclica. b) A salvação ocorre pelas obras. c) O homem é bom, não existe nenhuma dimensão de pecado original e pessoal. d) A revelação ocorre por meio da mediação de seres espirituais. 	<ul style="list-style-type: none"> a) Interesse obsessivo pelo sobrenatural, especialmente pelas questões ligadas à ação demoníaca; o diabo é culpado por todo desvio moral. b) “Superespiritualidade” externa e legalista. Qualquer dimensão lúdica é vista como pecaminosa. Tudo é proibido. Só quem é capaz merece misericórdia e compreensão. c) Cristianismo centrado no homem. A igreja torna-se um supermercado de milagres. Todo desvio moral é culpa do diabo. d) Ênfase em novas revelações espirituais. e) Ênfase em ação social para merecer a salvação.

⁸ Para a relação entre a revelação e a fé em Lutero, cf. Timothy George, *Teologia dos reformadores*. São Paulo, Vida Nova, 1994, p. 59-60.